

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO**

ISABELLE FORMIGARI GANDOLPHI

HOJE NÃO MAIS – HISTÓRIAS DE MULHERES VÍTIMAS DE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

SÃO PAULO

2º SEMESTRE 2019

ISABELLE FORMIGARI GANDOLPHI

HOJE NÃO MAIS – HISTÓRIAS DE MULHERES VÍTIMAS DE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Prof. Ms. Vanderlei Dias de Souza.

SÃO PAULO

2º SEMESTRE 2019

**ESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NÃO REFLETE A OPINIÃO DA UNIVERSIDADE
PRESBITERIANA MACKENZIE. SEU CONTEÚDO E ABORDAGEM SÃO DE TOTAL
RESPONSABILIDADE DE SEU AUTOR.**

Link para o documentário:

https://youtu.be/1mCxPPfEI_M

Publicado em 12 de novembro de 2019.

Dedicatória e Agradecimentos

Dedico este trabalho a todas as mulheres que se viram em um relacionamento abusivo e chegaram a acreditar que nunca acordariam desse pesadelo, mas acordaram. E também às que ainda irão despertar.

A princípio eu agradeço meus pais, Roseli Formigari e Celso Gandolphi, pela oportunidade de estar me formando no curso e na faculdade tão sonhados com tanto apoio e motivação que sempre me ofereceram.

Agradeço aos meus irmãos, Leonardo e Júlio Gandolphi, pelo incentivo e exemplos que sempre me deram. Principalmente o Léo, por ser um jornalista que tenho como espelho e por ser meu responsável na cidade grande.

Agradeço àqueles amigos que, de alguma forma, me ajudaram neste projeto, principalmente à Bárbara Diacópulos, Raphaela Bellinati, Elizabeth Matravolgyi, Flávio Latif e Paulo Vita.

Aos amigos também não mencionados e colegas de trabalho que sempre se fizeram presentes me apoiando nos melhores e piores momentos desse processo.

Agradeço imensamente às fontes, Ingrid Beltran, Évora Scafuro, Maria Fernanda Pagotto, Nathalia dos Anjos e Letícia Abait que, gentilmente, abriram suas vidas e contaram suas histórias e experiências a mim, a fim de ajudar outras meninas e mostrar a importância de ser discutido o assunto.

Agradeço também à psicóloga Ana Carolina da Silva Conceição, que cedeu de s tempo e espaço para poder me atender e conceder uma entrevista.

Também agradeço à Universidade Presbiteriana Mackenzie pelos anos aqui vividos e por todo o aprendizado e suporte, principalmente de equipamentos, para a realização desse trabalho.

Agradeço, por fim, mas não menos importante, meu professor e orientador Vanderlei Dias, que tornou o processo menos estressante e caótico. Que desde o início me apoiou e ajudou nas tomadas de decisões. Que quando eu já não tinha mais esperança no resultado, acreditou e me motivou para que eu pudesse dar meu melhor. E que, além de ótimo profissional, se mostrou um amigo incrível, que pretendo manter em minha vida como exemplo a ser seguido.

Resumo

Esse é um documentário que conta a história de mulheres vítimas de relacionamento abusivo. O produto aborda, de forma poética, o assunto e a necessidade dele ser discutido nos dias atuais. Com fala de meninas que sofreram esse tipo de abuso e de uma psicóloga, o tema é exposto de forma clara e direta. Com base em livros sobre o jornalismo e a construção de um documentário, o produto foi criado. Utilizando de leis, dados e de uma campanha do Ministério Público de São Paulo, a teoria do produto mostra a real importância do assunto e como é realmente presente na vida da maioria das mulheres, sendo a maioria jovem. Com isso, o documentário tem como objetivo dar a devida relevância ao tema e voz às vítimas para, dessa forma, atingir os mais diferentes públicos a fim de trazer à tona um problema que, por muito tempo, era visto como algo normal.

Palavras-chave: Relacionamento abusivo, Mulher, Feminismo, Jornalismo, Documentário.

Abstract

This is a documentary that tells the story of women victims of abusive relationships. The product addresses, in a poetic way, the subject and its need to be discussed today. Speaking of girls who suffered this type of abuse and a psychologist, the subject is clearly and directly exposed. Based on books about journalism and the construction of a documentary, the product was created. Using laws, data and a campaign by the Public Prosecutor of São Paulo, the product theory shows the real importance of the subject and how it is really present in the lives of most women, most of them young. With this, the documentary aims to give due relevance to the theme and voice to the victims in order to reach the most different audiences in order to bring up a problem that, for a long time, was seen as something normal.

Keywords: Abusive relationship, Woman, Feminism, Journalism, Documentary.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 Relacionamento abusivo	11
2.2 O papel do jornalismo	12
2.3 Documentário	13
3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	15
3.1 Escolha do produto	15
3.2 Montagem do documentário	16
3.3 Entrevistadas	16
3.4 Equipamentos	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
5. BIBLIOGRAFIA	21
6. APÊNDICE	24

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, assuntos como feminicídio e importunação sexual tornaram-se notícia após a aprovação das leis que criminalizam ambos os atos. A Lei do Feminicídio¹ foi sancionada em março de 2015 e é quando a motivação do crime for a questão de gênero, ou seja, quando a vítima é morta pelo simples fato de ser mulher. Sendo, muito antes, decretada a Lei Maria da Penha², que visa coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, incluindo a psicológica.

Já a Lei de Importunação Sexual³ entrou em vigor em setembro de 2018 e configura como crime qualquer ato libidinoso na presença de alguém e sem seu consentimento, como toques inapropriados. O que a difere do assédio sexual é que esse se baseia em uma relação de hierarquia e subordinação entre a vítima e o agressor.

A Secretaria de Segurança Pública (SSP) de São Paulo registrou números chocantes de Violência Contra a Mulher⁴ no período de janeiro a agosto de 2019. Foram registrados 43.803 boletins de ocorrência contra ameaça, 35.869 contra lesão corporal dolosa e 102 feminicídios. Além dos inúmeros casos em que as vítimas não procuraram a polícia para o registro da ocorrência.

¹ LEI Nº 13.104, DE 9 DE MARÇO DE 2015.

Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

² LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

³ LEI Nº 13.718, DE 24 DE SETEMBRO DE 2018.

Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais).

⁴ LEI Nº 14.545, DE 14 DE SETEMBRO DE 2011

(Projeto de lei nº 186/11, da Deputada Analice Fernandes - PSDB)

Organiza banco de dados contendo índices de violência praticados contra a mulher no Estado de São Paulo.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - O Poder Executivo manterá organizado um banco de dados destinado a dar publicidade aos índices de violência contra a mulher, a fim de instrumentalizar a formulação de políticas de segurança pública no Estado de São Paulo.

Quando pesquisamos sobre relacionamento abusivo em portais de notícias como o G1, da Globo⁵, e o R7, da Record⁶, os sites oferecem testes e mostram sinais para que as vítimas se reconheçam em tais situações. Porém, é possível que muitas mulheres ainda não possuam o conhecimento sobre o que fazer se alguma situação dessas acontecer com elas.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso pretende, por meio de um documentário em vídeo, relatar, explicar e prevenir sobre o que é um relacionamento abusivo. O que sente quem passa por ele, durante e depois, e como as pessoas enxergam isso de fora.

Vale ressaltar que o relacionamento abusivo pode ser vivido em qualquer tipo de relação, seja namoro, amizade, casamento ou até paternal/maternal. E também pode vir de ambas as partes, homem ou mulher. O foco deste trabalho foram mulheres vítimas de relacionamentos abusivos com homem, sendo os ganchos machismo e feminismo.

Em junho de 2019, o Ministério Público de São Paulo (MP-SP), em parceria com a Microsoft, lançou uma campanha chamada “Namoro Legal”⁷. A primeira iniciativa tratou-se de uma cartilha, dividida em sete tópicos, que ajuda meninas a identificar um namoro abusivo.

Esse documento menciona a Pesquisa Visível e Invisível 2019, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que mostra que, no Brasil, 42% das mulheres entre 16 e 24 anos sofreram violência em 2018, demonstrando que as jovens são as que acabam sofrendo mais por terem dificuldade de identificar um relacionamento abusivo.

Dessa forma, essa cartilha foi lançada para que mães e filhas, juntas, identifiquem esse tipo de relacionamento e não o sofram. Os tópicos abordam problemas nas atitudes e falas dos namorados; nas atitudes controladoras e submissão da vítima; a necessidade de ser dona da sua vida e manter os pés no chão e, assim, enxergar um namoro controlador.

⁵ <https://g1.globo.com/busca/?q=relacionamento+abusivo>

⁶ <https://busca.r7.com/?q=relacionamento+abusivo>

⁷ A cartilha está disponível no site oficial do MP-SP e pode ser acessada nesse link: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Cartilhas/NamoroLegal.pdf>

Com isso, a pergunta-problema deste trabalho é: “Como um Documentário poderá retratar e explicar o que é um relacionamento abusivo e como mulheres vítimas se veem durante e após o término?”

O tema também é pertinente à autora, já que dos 14 aos 19 anos, teve um relacionamento, sendo ele do início ao fim, extremamente abusivo. No seu caso, seus pais achavam “normal” as situações vividas, pois era uma maneira do homem mostrar que se “importava”. Como quando ele controlava uma roupa que ela usava, se ela iria ou não a algum lugar e até com quem ela falava ou deixava de falar.

Dessa forma, o documentário é importante para a conscientização de adolescentes e até de seus pais. De maneira crua e realista, as entrevistadas se expuseram e relataram abertamente o que cada uma viveu, como se sentiram e como se sente atualmente em relação a isso.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Relacionamento Abusivo

Muitas pessoas ainda questionam a questão do relacionamento abusivo: o que é, quando a vítima percebe estar em um, como sair e quais os impactos causados na vida de quem sofre.

Em um *Podcast* da BandNews FM, a apresentadora Gabriela Mayer conversa sobre o tema “*Gaslighting* e Violência Psicológica” com a psicóloga Laís Nicolodi, a pesquisadora na área de literatura e cinema Patrícia de Almeida e as escritoras Beatriz Manfredini e Julianna Muneratto.

No produto, elas explicam o termo “*gaslighting*”⁸, que é um tipo de violência psicológica, em que o agressor manipula a vítima para deslegitimá-la. Dessa forma, ele faz com que ela crie inseguranças e desacredite de si própria. Isso também acontece, na maior parte das vezes, em relações heterossexuais, por conta do machismo enraizado na sociedade.

⁸ Explicação retirada da matéria da revista Cláudia no link: <https://claudia.abril.com.br/noticias/voce-sabe-o-que-e-gaslighting/> e do livro “O Fenômeno Gaslighting: Saiba como funciona a estratégia de pessoas manipuladoras para distorcer a verdade e manter você sob controle” da psicoterapeuta e autora americana Stephanie Sarkis

Especialistas explicam o relacionamento abusivo com algumas atitudes vindas, na maioria das vezes, do homem da relação. Como quando ele impede a mulher de estudar ou trabalhar, a afasta dos amigos e família, controla suas redes sociais e vestimentas, sempre tentando ter poder sobre a parceira. Ou seja, a violência ou abuso nem sempre é físico, o que faz com que a vítima não saiba que vive esse tipo de relação.

Uma pesquisa⁹ realizada pelo curso de Psicologia na Universidade do Minho, em Portugal, entrevistou cerca de 318 estudantes entre 19 e 24 anos com o objetivo de identificar o impacto da qualidade do relacionamento íntimo na saúde das pessoas.

O estudo concluiu que a agressão psicológica é a forma de abuso mais prevalente e que relacionamentos de baixa qualidade, pautados pela falta de suporte ou pela ocorrência de abuso, se associa à uma desregulação autônoma e endócrina, que responde o alto nível de estresse das vítimas (Paiva, Carla e Figueiredo, Bárbara. 2005).

Não apenas o estado de saúde é influenciado pela qualidade negativa do relacionamento íntimo, como o inverso também acontece; isto é, estabelecer relações positivas tem sido descrito como benéfico para a saúde (Kiecolt-Glaser e Newton, 2001), o que comprova todos os tipos de impactos causados.

2.2. O Papel do Jornalismo

A imprensa é a forma que faz com que a massa seja atingida, o que leva informação às pessoas, por isso a necessidade de um assunto pouco conhecido, porém de extrema relevância nos dias atuais, seja abordado na imprensa.

Além de importante mostrar à pessoa como reconhecer se vivencia ou não esse tipo de relação, a mídia tem como função mostrar histórias reais e, assim, alertar que outras vítimas não passem pelo mesmo problema.

⁹ O objetivo específico deste estudo foi avaliar o impacto de um programa de prevenção da violência no namoro (o 4d – a tradução e adaptação portuguesa do The Fourth R), desenvolvido junto de adolescentes em contexto escolar, ao nível do seu conhecimento, atitudes, comportamentos e intenções de comportamento em contextos relacionais.

O assunto vem ganhando espaço na mídia e em análises psicológicas, principalmente pelo fato de a maioria das vítimas serem mulheres, como mostra uma matéria da Gazeta¹⁰ em que a psicóloga, orientadora sexual e terapeuta Bruna Tibúrcio é entrevistada.

E essa é a função do jornalismo: explicar, abordar e divulgar pontos ainda questionados sobre o assunto. O tema, quando divulgado em um veículo de comunicação, por exemplo, tem maior credibilidade com o leitor.

Jürgen Habermas, um dos principais filósofos e sociólogos, fala sobre a preferência dos ouvintes e espectadores ao fazer uso dos meios de comunicação: “querem se divertir ou distrair, se informar ou tomar parte em debates públicos”¹¹.

Por isso, a mídia tem como obrigação abordar esse tipo de assunto, principalmente em pautas de saúde. Fala-se tanto sobre a necessidade dos cuidados com a saúde mental, principalmente feminina, com isso a abordagem necessária nesse assunto.

Nelson Traquina diz que jornalismo pode ser explicado pela frase de que é a resposta à pergunta que muita gente se faz todos os dias – “o que é que aconteceu/o que está acontecendo no mundo?”¹² E, justamente por ser essa a função da profissão, acredito que não haja o compromisso correto com o assunto abordado.

2.3. Documentário

A importância que destaca o documentário como produto deste projeto é poder usar vídeos e depoimentos para dar voz ao assunto, levando sentimento às imagens, que muitas vezes passa batido aos olhos do leitor.

“Se os documentários representam questões, aspectos, características e problemas encontrados no mundo histórico, pode-se dizer que falam desse mundo tanto por meio de sons como de imagens.” (NICHOLS, Bill. 2010, p. 72).

¹⁰ A matéria de manchete “Mulheres são maiores vítimas de relacionamentos abusivos, diz psicóloga” conta a experiência no assunto de uma técnica de enfermagem de 26 anos e a situação é analisada por uma psicóloga, orientadora sexual e terapeuta.

¹¹ Retirada do texto “O Valor da Notícia” de Jürgen Habermas, publicado no jornal alemão “Süddeutsche Zeitung” e traduzido pelo jornal brasileiro Folha de São Paulo.

¹² Retirada do livro “Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são” de Nelson Traquina.

Para Nichols, o cineasta, na hora de produzir um longa, leva exatamente isso em consideração. Mostrar um ponto de vista abrangente, de maneira que atinja diretamente o telespectador e o faça refletir sobre determinado assunto.

Seguindo o pensamento de Nichols, assim como um filme traça suas formas de atuação para atingir um público-alvo, o trabalho jornalístico, que será apresentado através do documentário, possui o mesmo objetivo.

Um tema abordado e explicado por fontes fortemente ligadas ao assunto, que estão inseridas nele, é o ponto principal. Falar sobre relacionamento abusivo com as vítimas, dá mais credibilidade ao conteúdo e traz maior identificação entre o telespectador e o filme.

Nichols aborda, também, o início dos filmes com teor feminista, esses que mostraram as lutas das mulheres nos anos 60 e 70. O autor explica que esse foi o processo para dar forma, nome e visibilidade a uma identidade que jamais os tivera, sendo mais intenso nas questões da sexualidade e gênero.

“The Woman’s Film iniciou o processo, mas outros filmes vieram para reforçar o movimento feminista, com obras que examinaram experiências de opressão, recuperaram histórias perdidas e desenharam linhas de mudança.” (NICHOLS, Bill. 2010, p. 194).

E esse é o principal ideal deste documentário, registrar e dar visibilidade a um assunto que atinge, na sua maioria, mulheres. Sendo elas de diversas classes e idades.

Além disso, antes das gravações, foi necessário o primeiro contato com as fontes. Ao identificar e conhecer as entrevistadas, foi de extrema importância conversar em particular previamente com elas para entender suas experiências e saber quais pontos abordar durante a entrevista.

“Pré-entrevistas marcam o primeiro contato entre documentarista, ou sua equipe de pesquisadores, e os possíveis participantes do documentário. São úteis tanto para fornecer informações, ou mesmo aprofundar informações já coletadas, como para servir de teste (...)” (PUCCINI, Sérgio. 2009, p. 181).

Puccini aborda, também, a importância de conhecer o local onde a entrevista será gravada, a fim de evitar problemas com iluminação e som.

Além de que nas pré-entrevistas foi possível traçar as semelhanças entre as garotas e o que seria contado por elas. E também as diferenças, porém, todas com o mesmo foco: dar visibilidade e credibilidade ao assunto tratado.

“A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz.” (NICHOLS, Bill. 2010, p. 73).

Dessa forma, esse documentário foi com fontes diretamente relacionadas ao assunto, com a intenção de exibir um tema delicado e importante para a atualidade. Além de tentar ao máximo tomar o maior cuidado com as técnicas do filme.

O modo escolhido para a realização do documentário foi o Poético. Trabalhando com imagens produzidas, foi criado um ar artístico para o produto. No livro “Introdução ao documentário”, de Bill Nichols, ele explica que “modo Poético enfatiza as associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal”.

3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

3.1. Escolha do Produto

A escolha em fazer um documentário como produto surgiu porque acredito que este tema pode ser abordado de forma mais clara por meio dessa peça.

A fala das entrevistadas sobre o que elas viveram e a forma como elas explicam como se viram em um relacionamento abusivo, é passada mais abertamente por meio de um documentário, coisa que, acredito eu, um livro-reportagem, por exemplo, não faria.

O documentário, por si só, cria maior relação com o telespectador. Dessa forma, a identificação entre a entrevistada e quem a assiste é mais fácil por meio do filme, uma vez que esse mostra claramente seu rosto enquanto ela fala.

Creio, também, que esse produto projete mais verdadeiramente o que quero passar com esse tema.

3.2. Montagem do Documentário

A peça para este trabalho conta com quatro fontes, sendo todas mulheres que já sofreram, em algum momento de suas vidas, em um relacionamento abusivo.

O tipo de documentário escolhido foi o Poético, pois, assim, creio que prenderá mais a atenção do espectador, sendo menos cansativo.

O produto conta com uma narração, que é uma história baseada no relacionamento vivido por mim. Durante o off, imagens de apoio acompanham a voz. Essas imagens foram feitas em estúdio e também ao ar livre, de forma poética, remetendo a fala ao visual.

Durante a vinheta de abertura, a exibição das cartilhas com o poema, explicação sobre relacionamento abusivo, informações das personagens e créditos finais, foram utilizadas duas trilhas brancas disponíveis no Youtube.

Mesmo que a narração seja feita inspirada na história vivida pela autora, com ausência de um rosto e um nome específicos durante o off, a ideia é que qualquer garota que tenha sido vítima de um relacionamento desse tipo se identifique com o caso.

Perguntas padrões foram feitas às entrevistadas, que responderam conforme suas experiências. Assim, segui uma mesma linha de questões.

Contei, na maioria das vezes, com a luz dos ambientes onde gravei. Três das entrevistas ocorreram em lugar fechado, com luz artificial. E a quarta em um local aberto com luz natural.

3.3. Entrevistadas

Foram, no total, cinco vítimas e uma psicóloga entrevistadas. Três fontes foram entrevistadas nos meses de abril e maio. As outras três no período de junho, julho e agosto. Antes da realização da gravação, uma pré-entrevista foi realizada com as garotas, a fim de termos maior conhecimento sobre suas experiências e saber, na hora, qual foco dar para a conversa.

Com essa prévia conversa, foi possível analisar a semelhança entre as histórias que seriam contadas e as diferenças também, porém, todas com o mesmo foco. Dessa forma, o objetivo é mostrar ao telespectador a relevância do assunto, como explica Bill Nichols no livro “Introdução ao Documentário”.

A primeira entrevista foi realizada em uma sala de reuniões do meu prédio. A luz é artificial do próprio cômodo, pois o dia estava nublado.

A garota está sentada e olhando para mim, que estou ao lado da câmera, uma filmadora da marca Canon. Minha colega, tanto em pé quanto sentada, realizou imagens de apoio com a Canon T6. Utilizamos uma lapela para gravar o áudio.

A entrevistada foi Ingrid Beltran, de 21 anos. Ela é estudante de Arquitetura e Urbanismo no Mackenzie e namorou por 10 meses um homem de 32 anos. Eles se conheceram em um curso de desenho e começaram a se relacionar.

Entre tantas situações de abuso relatadas por Ingrid, ela ressalta uma vez em que ele a trancou em seu apartamento, tirou seu celular e disse que só a deixaria sair depois que confessasse uma suposta traição.

Ingrid contou que, depois desse dia, procurou uma delegacia e registrou um boletim de ocorrência contra o ex-namorado, que foi indiciado por violência doméstica, cárcere privado, tortura e crime cibernético após a ameaçar de divulgar vídeos íntimos do casal, que foram filmados sem o consentimento dela.

A segunda entrevista ocorreu no Campus do Mackenzie. A luz é natural e o áudio também capturado pela lapela. Alguns ruídos da rua são perceptíveis nas falas da jovem.

A entrevistada foi Évora Scafuro, de 23 anos. A jovem é cartunista e estuda audiovisual no Senac atualmente. O namoro foi aos seus 15 anos, durando apenas três meses. Évora relatou diversas ocasiões em que se sentiu diminuída e abusada pelo ex-namorado.

Évorah contou que sofre de misofonia¹³, que é a fobia do som da mastigação, e seu ex-companheiro a provocava propositalmente, o que já causou uma crise de pânico na garota.

A jovem relatou, dentre diferentes momentos difíceis que viveu ao lado do ex-namorado, uma vez que ele tentou estuprá-la. A menina, que nunca havia tido relação sexual, se viu em uma tentativa de abuso pelo próprio namorado, que tentou força-la ao ato. Aos gritos, o pai do garoto quem ajudou Évorah, tirando-a do quarto.

A terceira entrevistada é Maria Fernanda Pagotto, de 21 anos, estudante de direito da Universidade de São Francisco (USF) e natural de Amparo, no interior de São Paulo, onde mora.

A entrevista aconteceu na casa da jovem, com luz ambiente, uso da filmadora do Mackenzie e lapela para a captura do áudio. Utilizei, também, uma Canon T6 para a realização de imagens de outros ângulos durante suas falas.

A vítima sofreu um relacionamento controlador de seu ex-namorado que, na época, tinha 17 anos, dois anos mais novo que ela. Dessa forma, a garota mostra que independente do garoto ser mais velho ou mais novo, se ele for um abusador, o relacionamento será tóxico.

De diferentes assédios morais cometidos pelo seu ex-namorado, a vítima relatou uma agressão física. Durante uma festa, o menino a queimou no peito com um cigarro, sem mais, nem menos. Maria Fernanda mostrou a cicatriz que possui até hoje.

Já em um novo relacionamento, a garota confessa ainda estar lutando contra alguns traumas que ficaram após o término.

A quarta entrevistada foi Letícia Abait, estudante de 18 anos. A entrevista não pôde ser utilizada no produto, pois houve um problema com o áudio. No dia, a lapela não funcionou e o áudio foi perdido. A entrevista aconteceu no hall prédio onde a fonte mora.

¹³ A misofonia pode causar uma reação a sons, como gotas de água, mastigação, chiclete ou ruídos repetitivos, como batidas de lápis. Pessoas com misofonia podem ficar irritadas, furiosas ou mesmo em pânico quando ouvem os sons desencadeantes. O tratamento pode envolver terapia ou recomendações de estilo de vida, como o uso de proteção auditiva ou a criação de zonas "livres de ruído" dentro de espaços de convivência.

Em entrevista, Letícia relatou um ponto importante: ela cresceu com a relação abusiva entre seus pais. Sua mãe, que hoje é separada e enxerga os problemas vividos, não via nenhum abuso sofrido pela filha.

Letícia também acredita que isso influenciou para que ela demorasse a se ver em um relacionamento abusivo. Atitudes que para ela e sua família pareciam normais, na verdade não eram.

Após terapia e longos diálogos com sua mãe, ambas enfrentaram seus relacionamentos controladores juntas. Tentei entrevista com sua mãe, que não se viu preparada para falar abertamente sobre o assunto.

A quinta e última vítima entrevistada foi Nathalia dos Anjos, de 24 anos e estudante de nutrição. Também em um namoro em que ela era mais velha que o garoto, 20 e 19 anos, Nathalia se viu em um relacionamento abusivo.

A jovem relata que, quatro anos atrás, o assunto ainda não era tão falado, o que dificultou para que ela reconhecesse os sinais. O menino, que de forma extremamente ciumenta a controlava, impunha quais roupas ela poderia ou não sair, quais pessoas ela poderia ou não ter no Facebook e até a culpava pelos seus próprios erros e problemas.

Nathalia contou que só passou a enxergar os sinais quando seus amigos a alertaram e, então, ela pesquisou sobre o assunto. Quando tentou terminar, a jovem encarou ameaças de suicídio do menino que, novamente, a culpava caso algo acontecesse com ele.

A última fonte foi a psicóloga Ana Carolina da Silva Conceição, que me concedeu uma entrevista em seu consultório. Carol relatou que o fato da maioria do número de vítimas de um relacionamento abusivo ser mulher se dá, principalmente, pelo fato de vivermos em uma sociedade machista e que estudos comprovam esse ponto.

A profissional também contou sobre casos que atendeu: “a maioria demora para enxergar que está em um relacionamento tóxico e, mesmo quando enxerga, demora para criar coragem para sair dele”.

“Se livrar de um namoro abusivo é um ato de coragem”, acrescentou Carolina, que enfatiza a admiração pelas mulheres que enfrentam esse problema. A

especialista também reforçou a necessidade do assunto ser abordado e discutido e do acompanhamento psicológico às vítimas.

3.4. Equipamentos

A gravação do documentário foi feita por uma filmadora Canon da própria Universidade Presbiteriana Mackenzie, para a filmagem da entrevista por completa, sempre fixa. Utilizei em duas entrevistas uma Canon T6 para a captura de imagens das fontes de outros ângulos.

O áudio foi capturado por uma lapela presa à roupa das entrevistadas. Além do tripé para o apoio da câmera.

Contei, também, com a ajuda de uma amiga estudante do curso de Multimeios para a gravação de duas entrevistas, além de uma colega de classe, que me acompanhou em outras duas entrevistas. Durante a entrevista realizada em Amparo, no interior da Capital, trabalhei sozinha.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estou feliz e satisfeita com o resultado do trabalho. Apesar das dificuldades encontradas durante o processo, acredito que eu tenha alcançado meu objetivo com o produto final.

A busca pelas fontes, por exemplo, foi uma dificuldade marcante para mim. Dentre 15 meninas contatadas, apenas as cinco entrevistadas toparam falar mostrando o rosto. Isso por medo de o documentário chegar até seus ex-namorados e acabarem sofrendo represália.

Outra dificuldade que encontrei no início do projeto foi decidir de que forma esse documentário seria montado. Em princípio estava decidido que seria de forma expositiva, contendo apenas os depoimentos das vítimas. Algo que, posteriormente, percebi que ficaria extremamente monótono e cansativo, o que me fez partir para o tipo poético.

A escolha do documentário poético, de início, foi um desafio. A forma como eu criaria o ar artístico do produto me amedrontava. Eu não imaginava de que forma eu apresentaria um tema tão difícil em forma de poesia. A criação das imagens de cobertura para o off da narração também foi desafiadora. Mas, acredito que consegui.

Mais um desafio foi na questão técnica. As outras vezes em que manuseei uma filmadora e um tripé eu estava acompanhada de todo um grupo para a realização de um trabalho. Dessa vez estava sozinha. De início enfrentei dificuldades, mas ao longo do processo fui me adaptando.

Assim como na montagem do documentário. Antes eu nunca havia mexido no programa Premiere, do Adobe, para a edição de algum vídeo. Com a ajuda de técnicos da universidade, encarei e venci mais um obstáculo.

Por fim, mesmo lidando com algo delicado para mim, que vivi durante cinco anos um namoro abusivo, conhecer outras meninas e outras histórias que, ao mesmo tempo igual, mas também tão diferente da minha, me abriu o coração e a alma.

Fazer esse projeto foi muito além de me formar na faculdade, tornou-se algo que, com certeza, reflete a minha força e de todas as meninas que tiveram coragem de enfrentar essa dor.

Espero que, cada vez mais, esse assunto seja abordado e que as mulheres vítimas desse tipo de relacionamento percebam o quanto antes. E que, com isso, esse tipo de caso exista cada vez menos.

5. BIBLIOGRAFIA

AS LUTAS do Feminismo. Realização de Daniela Lopes. São Paulo, 2018. (25 min.), Documentário, Colorido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ydf65J8bDhY>>. Acesso em 26 agosto de 2019.

COISA Mais Linda. Direção de Caíto Ortiz, Hugo Prata e Julia Rezende. Produção de Beto Gauss e Francesco Civita. Roteiro: Léo Moreira, Luna Grimberg e Patricia Corso. Rio de Janeiro: Netflix, 2019. (50 min.), Série, son., color.

ELAS com Elas #12 - Gaslighting e Violência Doméstica. Realização de Laís Nicolodi, Patrícia de Almeida Kruger, beatriz Manfredini e Giulianna Muneratto. São Paulo: Bandnews Fm, 2019. (69 min.), Podcast, P&B. Série Elas Com Elas. Disponível em: <<http://www.bandnewsfm.com.br/podcasts/elas-com-elas-podcast/>>. Acesso em: 20 de agosto 2019.

ELENA. Direção de Petra Costa. Busca Vida Filmes, 2012. Son., color.

FIGUEIREIDO, Bárbara. PAIVA, Carla. (2005). **Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses.** (Volume 5).

HABERMAS, Jürgen (2007). **O valor da notícia.** Portal de notícias da Folha de São Paulo. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2705200707.htm> >. Acesso em 10 de maio de 2019.

MANFREDINI, Beatriz. MUNERATTO, Giulianna. (2017). **A Louca Não Sou Eu.** (Volume 1). São Paulo.

Mulheres são maiores vítimas de relacionamentos abusivos, diz psicologia. Portal de notícias da Gazeta Web. Disponível em: < https://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2019/03/mulheres-sao-maiores-vitimas-de-relacionamentos-abusivos-diz-psicologa_72516.php >. Acesso em 10 de maio de 2019.

NICHOLS, Bill. (2010). **Introdução ao documentário.** (5ª Edição).

PUCCINI, Sérgio. (2009). **Introdução ao roteiro de documentário.** (Volume 6).

PRATA, Liliane (2018). **Você sabe o que é *gaslighting*?**. Portal online da revista Cláudia. Disponível em: < <https://claudia.abril.com.br/noticias/voce-sabe-o-que-e-gaslighting/> >. Acesso em 20 de agosto de 2019.

SARKIS, Stephanie. **O Fenômeno Gaslighting: Saiba como funciona a estratégia de pessoas manipuladoras para distorcer a verdade e manter você sob controle.** São Paulo: Editora Cultrix, 2019. (Volume 1). Tradução de: Denise de Carvalho Rocha.

TRAQUINA, Nelson. (2005). **Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são.** (Volume 1). Florianópolis.

6. APÊNDICE

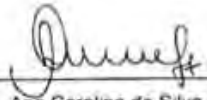

INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE

Rua Hamô, 45 - HIGIENÓPOLIS - CEP 01239-902
 Fone: 2114-8918 - Fax: 2114-8737 - SÃO PAULO
 Internet: www.mackenzie.br

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Ana Carolina da Silva Conceição, Portador da cédula de identidade RG Nº 30.932.315-0 e CPF Nº 301.688.688-06, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização nos programas da TV Mackenzie e nos cursos da Universidade, em consultas acadêmicas e reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais mídias audiovisuais que respeitem a finalidade desta autorização. Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo o presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 15 de outubro de 2019.



 Ana Carolina da Silva Conceição

Testemunhas:

PGM / TRABALHO	TEMA / TÍTULO
Trabalho de Graduação Interdisciplinar	


INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE

Rua Itambé, 45 - HIGIENÓPOLIS - CEP 01239-002
 Fone: 2114-8915 - Fax: 2114-8737 - SÃO PAULO
 Internet: www.mackenzie.br

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Ingrid Beltrão Jairo, Portador da cédula de identidade RG N° 37506681-3 e CPF N° 36660331803, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização nos programas da TV Mackenzie e nos cursos da Universidade, em consultas acadêmicas e reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais mídias audiovisuais que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo o presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 02 de maio de 2019.

Ingrid Beltrão Jairo
 Cedente

Testemunhas:

Isabelle J. Gandolpho

Bárbara Diacópulos

PGM / TRABALHO	TEMA / TÍTULO
Trabalho de Graduação interdisciplinar	


INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE

Rua Itambé, 45 - HIGIENÓPOLIS - CEP 01238-902
Fone: 2114-8816 - Fax: 2114-8737 - SÃO PAULO
Internet: www.mackenzie.br

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Marica Fernanda Davelos Pagotto, Portador da cédula de identidade RG Nº 55.958.424-4 e CPF Nº 404.446.178-33, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização nos programas da TV Mackenzie e nos cursos da Universidade, em consultas acadêmicas e reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais mídias audiovisuais que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo o presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 14 de julho de 2019.

Marica Fernanda Davelos F. Pagotto
Cedente

Testemunhas:

Arabelle J. Gondalphi

PGM / TRABALHO	TEMA / TÍTULO
Trabalho de Graduação interdisciplinar	


INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE

Rua Itambé, 48 - HIGIENÓPOLIS - CEP 01239-002
 Fone: 2114-8815 - Fax: 2114-8737 - SÃO PAULO
 Internet: www.mackenzie.br

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Mathalia C. Amys, Portador
 da cédula de identidade RG Nº 543660369 e CPF Nº
456191898-13, autorizo, prévia e expressamente, o uso de
 minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do
 Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e a Universidade Presbiteriana Mackenzie,
 sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização nos programas da TV Mackenzie
 e nos cursos da Universidade, em consultas acadêmicas e reproduções, inclusive por outras
 emissoras, canais de televisão e demais mídias audiovisuais que respeitem a finalidade desta
 autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo o
 presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 04 de setembro de 2019.

Mathalia Amys
 Cedente

Testemunhas:

Travella F. Cipriano
Deivid M. A. S.

PGM / TRABALHO	TEMA / TÍTULO
Trabalho de Graduação interdisciplinar	


INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE

Rua Itambé, 45 - HIGIENÓPOLIS - CEP 01239-902
 Fone: 2114-8915 - Fax: 2114-8737 - SÃO PAULO
 Internet: www.mackenzie.br

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Círonah Scalvira Silveira, Portador da cédula de identidade RG N° 532 31239-9 e CPF N° 479.592.998-03, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização nos programas da TV Mackenzie e nos cursos da Universidade, em consultas acadêmicas e reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais mídias audiovisuais que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo o presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 10 de maio de 2019.

Cedente

Testemunhas:

Isabella J. Gondalphi

Barbara Nicópolis

PGM / TRABALHO	TEMA / TÍTULO
Trabalho de Graduação interdisciplinar	


INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE

Rua Itambé, 45 - HIGIENÓPOLIS - CEP 01233-902
Fone: 2114-8915 - Fax: 2114-8737 - SÃO PAULO
Internet: www.mackenzie.br

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Letícia Susanna da Cunha Rios Abait, Portador da cédula de identidade RG N° 52.820.573-0 e CPF N° 407997428-05, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização nos programas da TV Mackenzie e nos cursos da Universidade, em consultas acadêmicas e reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais mídias audiovisuais que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo o presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 7 de agosto de 2019.

Letícia Susanna da Cunha Rios Abait
Cedente

Testemunhas:

Isabelle F. Symonolphi
Roberto

PGM / TRABALHO	TEMA / TÍTULO
Trabalho de Graduação Interdisciplinar	TCC